



*Autorretrato*, (30x25 cm),  
Alberto da Veiga Guignard,  
quando o artista contava com 64/66 anos.  
Coleção do autor. Foto: Ricardo Girundi

HOMENAGEM

## GUIGNARD: 130 ANOS DE UM ARTISTA

CARLOS PERKTOLD - ABCA/MINAS GERAIS

O quadro que ilustra esta matéria é um autorretrato de Alberto da Veiga Guignard (1896-1962), sem data, mas pela sua aparência física é de 1960/62, quando o artista contava com 64/66 anos. Como todas as pessoas de sua geração nesta idade, parecia mais velho quando comparadas às atuais com os mesmos anos vividos. As vicissitudes da vida em geral eram piores, então, vivia-se menos. Estamos celebrando seu nascimento de 130 anos em fevereiro/2026. Morreu aos 66 anos, em 1962, cedo demais como tantos outros pintores, contemporâneos a ele.

Marcelo Bortoloti, em sua biografia sobre o mestre, intitulada *Anjo Mutilado* relata que no período vivido na Europa com sua mãe e o detestado padrasto, Guignard viveu uma vida burguesa com os três se hospedando em hotéis caros e gastando o dinheiro recebido do seguro de vida com a morte do pai e ainda os aluguéis que recebiam de imóveis herdados e locados no centro do Rio de Janeiro. Vivendo na Europa e talvez a desconhecer os problemas sociais do País, não há pinturas com conteúdo social em seu

*Autorretrato*  
(30x25 cm),  
Alberto da Veiga  
Guignard,  
quando o artista  
contava com  
64/66 anos.  
Coleção do autor.  
Foto: Ricardo  
Girundi



acervo, cujo ápice desse tema é a fase dos Fuzileiros Navais. Assim, as suas dificuldades objetivas, financeiras e seu envelhecimento precoce começaram quando ele retornou da Europa para o Brasil em 1929, surpreendendo-se com a ausência de pinturas modernas e reconhecendo apenas Ismael Nery como brilhante pintor.

No autorretrato, seu rosto parece de um homem interrogativo frente a vida que passou tão rápida, alguém que, apesar de ter sido criança e jovem abastado, sempre carregou a dificuldade congênita do lábio leporino que o impedia, desde a mais tenra infância, de se alimentar como outros rebentos, algo que levou sua mãe Dona Leonor a profunda angústia. Essa dificuldade não foi somente naqueles anos iniciais, mas durante toda sua juventude e vida adulta. Acanhado, sempre pedia desculpas pelo seu defeito. “Nasci assim. Não é culpa minha”, relatam alguns amigos que o recebiam em casa para jantares. Guignard projetava em alguns retratados o seu lábio leporino, a demonstrar o quanto o defeito lhe incomodava.

Seus amigos de coração foram Geraldo Andrada, Pedro Aleixo e sua esposa, Lúcia, Joaquim Machado de Almeida, Helena e Santiago Americano Freire, Celina e Hélio Hermeto e Priscila Freire. Alguns foram tão amorosos que até o receberam em casa para morar durante anos, caso de Dona Helena e Dr. Santiago que o hospedaram durante sete anos no bairro da Serra, em Belo Horizonte e Pedro Aleixo que lhe ofereceu sua casa em Ouro Preto; outros eram preocupados com seu futuro por ser portador de diagnósticos de alcoólatra e de diabético que adorava arroz doce, mas certos de seu sucesso como artista, então já consagrado.

Seu autorretrato traz ainda o reconhecimento de sua aparente velhice no corpo cansado, a cabeça calva, olhar e rosto com certas perplexidades. Ele é alguém que pelos seus olhos faz a pergunta de todo grande artista: serei reconhecido e imortal? Neste e em outros retratos, encomendados ou não, ele pintou em segundo plano cenas ilustradas com Ouro Preto, cidade que amava e de pintor que tinha força e talento para

produzir quadros de beleza eterna. Suas pinturas são como textos ou poemas de escritores brilhantes, cujas obras são imortais a deslumbrar leitores e espectadores.

No quadro ele faz nova declaração de amor a Vila Rica, como se os dois fossem um casal comemorando bodas de algum metal precioso com aquela que foi seu amor à primeira vista. Nele, há uma Ouro Preto cheia de cores e com luz própria, coberta por um belo céu que era, junto com a sua transparência em certas obras, sua marca registrada. Ele próprio relatava que, quando viu a cidade pela primeira vez, disse para amigos: “Procurei por isso a minha vida”. “Isso” era uma espécie de mulher idealizada e que, quando a encontrou concreta e objetiva, apaixonou-se e se pôs a seus pés, assegurando-lhe que jamais a abandonaria e a imortalizou em seus trabalhos em aquarela ou óleo. Como no retrato de Dorian Gray, ele envelheceria e ela continuaria com sua beleza eterna. Neste ano, Vila Rica e o Brasil sentem sua ausência desde 1962, mas se regozijam pelo seu aniversário.

## CARLOS PERKTOLD

Graduado em Direito e Psicologia. Exerce a psicanálise em Belo Horizonte. É especialista em História da Cultura Geral e da Arte pela UFMG. Integra o Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais. Foi agraciado com a Medalha da Inconfidência, Medalha de Honra da Inconfidência, Medalha Santos Dumont pelo governo de Minas e com a Medalha João Pinheiro pelo IHGMG. É autor de *Ensaio de Pintura e de Psicanálise* (2002), *Caixa de Ferramentas* (2003), *A Cultura da Confiança ou a História do Crédito no Brasil* (2008). Psicanalista, integra a Associação Brasileira de Críticos de Arte e Associação Internacional de Críticos de Arte (AICA).